



CULTURA

PAULO DE CAMPOS

paulodecampos@rima.art.br

A arquitetura histórica de Osório

Por desinformação ou desleixo a arquitetura açoriana e também de outros estilos já está quase toda desaparecida. Restam ainda algumas construções antigas que devem ser preservadas:

Casarão dos Famer

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHBlogs de Zero hora em 10 de fevereiro de 2015 por Ricardo Chaves e Lucas Vidal com colaboração de Rodrigo Trespach)

Construído em 1883, um dos mais antigos prédios da cidade de Osório em estilo colonial italiano, o Casarão dos Famer foi modificado ao longo dos anos. Depois dos prédios da biblioteca, do Hotel Amaral e do Sobrado dos Bastos, o casarão é um dos mais importantes do município. O imigrante italiano Giuseppe Famer, de Verdello, na província de Bergamo, comprou a casa em 1920. Com a família, chegara de Gênova ao Rio Grande do Sul em 1892. Antes de se instalar em Osório, os Famer se estabeleceram em Vila Nova, em Santo Antônio da Patrulha, e depois na localidade de Bocó, no Morro da Borússia. Compraram uma propriedade,

construíram um moinho e cultivaram café, erva-mate, milho, feijão, parreiras e cana-de-açúcar. Em 7 de abril de 1920, Giuseppe adquiriu de Pedro Anflor uma propriedade de 6.700m² em Osório, na Rua Sepúlveda (atual Rua João Sarmento, 205), onde já existia uma casa – hoje conhecida como Casarão dos Famer. Foi nesse local que Giuseppe e o filho Augusto montaram residência e comércio, a Augusto Famer&Irmãos, que vendia parte da produção das propriedades do interior do município. Augusto casou-se com Nevedêmia Goldani, e eles tocaram os negócios depois que Giuseppe morreu. O casal, no entanto, morreu cedo, o

filho Hermínio ainda era menor de idade. Irmão de Augusto, José Famer Filho passou então a ser o tutor do sobrinho. Ele casou-se com Sunta Goldani e teve nove filhos naturais e três adotivos. Foi seu filho mais velho, André Famer, quem assumiu os negócios da família. Em meados dos anos 1970, o comércio fechou as portas, embora o prédio continuasse servindo de residência da família. André morreu em 2001, e a casa é hoje propriedade das filhas. Patrimônio histórico de Osório, a antiga construção é objeto de estudos das estudantes de Arquitetura Mariana Pelisoli e Graziela Agliardi, da Unisinos. Ou seja, a história tem lá sua importância.



DIVULGAÇÃO



Sobrado histórico

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHBlogs de Zero hora em 31 de julho de 2012 por Ricardo Chaves e Luis Bissigo com colaboração de Rodrigo Trespach)

O mais antigo prédio de Osório, o Sobrado dos Bastos, foi construído antes da emancipação do município, em 1857. Localizado no centro da cidade, na lateral da Praça da Catedral, seu primeiro proprietário foi o comerciante Francisco Correia de Andrade, conhecido como Chico Minguta. A casa comercial de Minguta, invadida por maragatos durante a Revolução Federalista, foi reformada e transformada em residência familiar, em 1908, por Manoel Estevão Fernandes Bastos. A história do sobrado se mistura com a própria história político-administrativa da cidade, já que nela viveram dois intendentess municipais e pessoas ligadas à política regional. O filho de Chico Minguta, José Correia de Andrade, foi intendente da então Conceição do Arroio entre 1896 e 1900. Uma filha de José, Ana Brígida, casou com Manoel Estevão Fernandes Bastos, outro intendente da cidade. Bastos, que foi intendente em três oportunidades (entre 1912 e 1934), era também escritor, autor da mais importante obra da literatura litorânea gaúcha, Noite de Reis, publicada em 1935 e reeditada em 2007. Um dos filhos de Fernandes Bastos, Osvaldo Bastos, eleito deputado pela UDN em 1946, morto em naufrágio na Lagoa da Pinguela, em 1947, era casado com Cecy Gründler, filha de outro intendente arriense, José Augusto Gründler. O sobrado, atualmente desabitado, pertence a Osvaldo Bastos Filho.



DIVULGAÇÃO



Fernandes Bastos e a biblioteca osoriense

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHBlogs de Zero hora em 31 de agosto de 2012 por Ricardo Chaves e Luis Bissigo com colaboração de Rodrigo Trespach)

O prédio açoriano onde atualmente se encontra a Biblioteca Pública Municipal de Osório – cujo nome homenageia o advogado, político e intelectual Manoel Estevão Fernandes Bastos – foi construído no final do século 19 e serviu como sede do Grupo Escolar Conceição do Arroio, do Colégio Elementare, depois da década de 1930, da Prefeitura Municipal e da Câmara de Vereadores da cidade. Os cerca de mil livros da Sociedade Amor à Arte, organizada em 1887, compunham a primeira Biblioteca não particular do município. Somente em 15 de março de 1943, o prefeito Juvenal José Pinto cria por decreto a primeira biblioteca pública municipal, que em 5 de julho do mesmo ano passa a denominar-se Fernandes Bastos. Até 1952, ela permaneceu no andar superior do prédio da então prefeitura, passando posteriormente por vários

locais até ser instalada em definitivo novamente no prédio que fora prefeitura. Hoje, no mesmo local, junto à biblioteca, funcionam ainda o Museu Antropológico Leonel Mantovanio e o Arquivo Público Municipal Antônio Stenzel Filho. A biblioteca, o arquivo e o museu passaram por reformas. Fernandes Bastos foi Intendente municipal em Osório, então Conceição do Arroio, em três oportunidades: 1912-1915, 1920-1924 e 1928-1934. Porto-alegrense, nascido em 3 de agosto de 1885, ficou órfão ainda menino. Iniciou sua formação educacional

no Seminário Menor de Pareci, em Montenegro, que deixou na adolescência. Intelectual, era fluente em alemão e francês e tinha aptidão para as artes cênicas, além de tocar Piano e violino. Antes de chegar a Osório, passou por Santo Antônio da Patrulha, Passinhos e Tramandaí. Foi autor do livro Noite de Reis (1935) e, na condição de Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, escreve inúmeros artigos sobre a história do Litoral Norte gaúcho. Faleceu em sua cidade natal, em 22 de setembro de 1938.



DIVULGAÇÃO